

**Diálogos sobre a experiência de Ensino de Inglês: reflexões de dois discentes no
Communication Café**

Ana Luísa Almeida Carregosa
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: 202210756@uesb.edu.br

Clarissa Costa e Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: clarissa.costa@uesb.edu.br

Vitor Manoel Silva Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
Endereço eletrônico: 202111191@uesb.edu.br

1945

Palavras-chave: Ensino de inglês. Professor em formação. Communication Café

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende apresentar e discutir aspectos ligados ao ensino de inglês como língua estrangeira por meio do diálogo entre dois discentes do curso de Letras Modernas, bolsistas do projeto de extensão Communication Café, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Sabemos que o ensino de inglês é garantido por lei durante os anos referentes a educação básica no Brasil (BNCC – Base Nacional Curricular Comum, 2017), mas também que há muitas questões a se discutir acerca do acesso e qualidade desse ensino. As experiências têm lugar central (CONNELLY; CLANDININ, 2000) no recorte de pesquisa aqui apresentado. Por meio de reflexões traçadas durante os encontros de planejamento das atividades do projeto de extensão Communication Café, (re)pensamos nossas experiências e as apresentamos neste estudo.

Uma vez que futuros professores apresentam suas reflexões críticas acerca do ensino de inglês como língua estrangeira, abrimos caminhos para diálogos importantes e e, possivelmente, problematizamos questões relativas ao ensino da referida língua estrangeira no Brasil. Afinal de contas, como é o ensino de inglês e como ele deve se orientar em nossas escolas de formação básica? Ainda, o que propõe a BNCC (2017)

Realização:



Apoio:



como fundamento norteador do ensino deste idioma? Estas são as indagações que norteiam a discussão deste estudo. Partindo do pressuposto de que o ensino de uma língua estrangeira é garantido por lei aos estudantes, temos que nos questionar sobre quais experiências de ensino marcam a vida dos estudantes e como estas interferem em suas oportunidades de estudo e trabalho. Vejamos o que dispõe a BNCC (2017) sobre o ensino de inglês no Ensino Médio:

1946

a Língua Inglesa, cujo estudo é obrigatório no Ensino Médio (LDB, Art. 35-A, § 4º), continua a ser compreendida como língua de caráter global – pela multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções na contemporaneidade –, assumindo seu viés de língua franca, como definido na BNCC do Ensino Fundamental – Anos Finais. (BNCC, pg. 486, 2017).

O reconhecimento do papel e lugar da língua inglesa para a formação dos estudantes fica explícito nesse documento; reconhece-se seu status de língua franca e sua força enquanto canal de interferência no mundo globalizado do qual fazemos parte. Todavia, sabemos que a obrigatoriedade de ensino desse idioma não necessariamente implica em seu efetivo ensino. Segundo Paiva (2003), há um histórico de normas e orientações que procuraram reger o ensino de uma língua estrangeira no Brasil e estas, muitas vezes, em vez de construírem uma narrativa de ensino de caráter global, limitava o ensino a aspectos específicos. Vejamos Paiva (2003):

A primeira demonstração da pouca legitimidade do ensino de idiomas está registrada nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Estrangeira (PCNs) para o ensino fundamental publicados pelo MEC em 1998. O documento minimiza a importância do ensino das habilidades orais, afirmando que "*somente uma pequena parcela da população tem a oportunidade de usar línguas estrangeiras como instrumento de comunicação oral*" (Paiva, 2003).

Tendo em vista esses apontamentos da autora supracitada, mais uma vez nos indagamos sobre o que é o ensino de inglês em nosso país e sobre como devemos criar espaços para (re)pensar sobre esse ensino. A seguir, os aspectos metodológicos relativos a este estudo.

Realização:



Apoio:



METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa que orienta este estudo é o da Pesquisa Narrativa, segundo Connelly e Clandinin (2000). Segundo essa perspectiva metodológica as experiências ocupam lugar central e podem informar sobre o interesse de estudo em foco. Neste estudo, no qual trazemos aspectos ligados ao ensino de inglês na educação básica, a partir da apresentação de perspectivas pessoais e aquelas contidas na BNCC (2017), olhar para esses aspectos a fim de interpretá-los significa abrir espaços de reflexões importantes. A seguir, iniciamos as discussões propostas por meio desse estudo.

DISCUSSÃO E RESULTADOS: UMA PESQUISA EM ANDAMENTO

O quadro que apresentamos a seguir traz um recorte inicial de reflexões tecidas por dois discentes do curso de Letras Modernas, bolsistas do projeto de extensão Communication Café da UESB. Durante nossas reuniões de planejamento das atividades do projeto, nos deparamos com questões diversas que nos interpelam, dentre as quais, aquelas ligadas à nossa formação docente – quais experiências de ensino quero criar?; como fazer isso?; etc. Neste estudo, recorte de uma pesquisa em andamento, apresentamos algumas reflexões iniciais.

Como é o ensino de inglês?	<p>Bolsista 1: Ao observar como a língua inglesa é abordada na educação básica, vejo uma abordagem superficial e ineficiente que não prepara os alunos para o uso prático do idioma. A ênfase excessiva na gramática normativa, como o famoso verbo "to be", acaba por alienar os estudantes e não lhes proporciona a capacidade de se comunicar de maneira eficaz. Esse foco restrito a regras gramaticais e vocabulário limitado não leva os alunos a lugar algum, pois não os incentiva a pensar em inglês ou a usar o idioma em situações cotidianas. Ademais, essa ineficácia do sistema tradicional de ensino afasta os alunos da compreensão do contexto que abrange a língua inglesa, incluindo o conhecimento acerca de diferentes culturas, músicas, filmes, séries, histórias e literatura que são fundamentais para uma imersão completa no idioma. Como resultado dessa abordagem utilizada nas escolas atualmente, a grande maioria dos alunos saem da escola com um nível básico de inglês, todavia, sem a habilidade prática de se expressar com confiança e clareza e sem a capacidade de resgatar os seus conhecimentos para interagir e compreender a imensidão de informações em inglês que o cercam nos mais variados contextos.</p> <p>Bolsista 2: O trabalho com as quatro habilidades, sob uma perspectiva sociocultural, é o que leva o aprendiz à fluência. Porém, na rede pública, o tempo das aulas, que é relativamente curto, impede que os professores de língua inglesa trabalhem adequadamente a fala e audição, mantendo, dessa forma, o tradicional trabalho com a gramática, cujo ensino proporciona</p>
-----------------------------------	--

Realização:



Apoio:



	<p>somente o aprendizado superficial da escrita e de diversas regras gramaticais. Além disso, há disposição de professores é considerada outro obstáculo, vista a presença de poucos profissionais capacitados nas instituições para trabalhar com muitos alunos. Somado a isso, pode-se perceber, por fim, que as estruturas das escolas públicas são precárias, geralmente apresentando somente salas de aulas tradicionais, havendo uma escassez de recursos digitais e didáticos, itens essenciais para um ensino-aprendizado eficiente de inglês ou qualquer outro idioma.</p>
<p>Como acho que o ensino de inglês deva ser?</p>	<p>Bolsista 1: Para transformar essa realidade e ensinar inglês de maneira plena e eficiente, acredito que é necessário inserir elementos novos e criativos que rompam com o padrão tradicional que ainda dita a forma como devemos ensinar. Adotar metodologias ativas e abordagens que considerem os gostos e preferências dos alunos pode tornar o ensino mais envolvente e relevante. Integrar músicas, filmes e histórias em inglês, por exemplo, pode proporcionar contextos reais e interessantes que motivem os alunos a aprender cada vez mais e construir um senso de pertencimento ao contexto da língua inglesa. Essas ferramentas não apenas tornam as aulas mais dinâmicas, mas também ajudam os alunos a desenvolver habilidades de escuta, fala e compreensão de forma natural e prazerosa. Através dessas mudanças, acredito que poderíamos estabelecer um ensino de inglês muito mais efetivo que consiga abranger pessoas dos mais variados contextos, resultando em um verdadeiro aprendizado de um idioma que é crucial no mundo em que vivemos.</p> <p>Bolsista 2: Considerando a atual concepção do inglês – de acordo com (Phillipson, 1992) a língua inglesa angariou tamanho prestígio ao longo de um tempo razoavelmente curto no que concerne fenômenos linguísticos – qualquer indivíduo que tenha atingido um patamar de educação formal razoável, sente-se em grande desvantagem se não a domina, pelo menos, em algum nível de proficiência. Nesse sentido, ao assumir o posto de língua franca, o inglês passou a ser o sistema de comunicação pelo qual os falantes não nativos se comunicam e interagem com os indivíduos ao redor de todo mundo. Nesse viés, ao ser compreendido de tal modo, para superar o ensino precário de inglês nas escolas, é necessário que as instituições tenham em mente o conceito de inglês como língua franca. Logo, um olhar mais cuidadoso dos docentes ao ensino é o meio pelo qual os discentes podem aprender e refletir o uso da língua inglesa, dentro de uma prática de interação cada vez mais frequente.</p>
<p>Orientações da BNCC (2017)</p>	<p>Orientações para o Ensino Fundamental *eixos organizadores propostos para o componente Língua Inglesa: - O eixo Oralidade envolve as práticas de linguagem em situações de uso oral da língua inglesa {...} - O eixo Leitura aborda práticas de linguagem decorrentes da interação do leitor com o texto escrito, especialmente sob o foco da construção de significados {...}. - As práticas de produção de textos propostas no eixo Escrita consideram dois aspectos do ato de escrever. (BNCC, 2017, pg. 242-244)</p> <p>Orientações para o Ensino Médio *Trata-se, portanto, de expandir os repertórios linguísticos, multisemióticos e culturais dos estudantes, possibilitando o desenvolvimento de maior consciência e reflexão críticas das funções e usos do inglês na sociedade contemporânea – permitindo, por exemplo, problematizar com maior criticidade os motivos pelos quais ela se tornou uma língua de uso global. (BNCC, 2017, pg.485)</p>

Realização:



Apoio:



A partir do que dispomos no quadro acima, apresentamos um retrato subjetivo de nossas percepções acerca de como é o ensino de inglês e como este deva se orientar; levando em consideração as normas da BNCC (Brasil, 2017). Apesar do pequeno recorte que este estudo apresenta, percebe-se que há desafios quanto ao ensino desse idioma em nosso país e que pouco ou até mesmo nenhum espaço na sala de aula é dado para o que nós ou a própria BNCC (Brasil, 2017) propõe como orientações sobre como deva ser o ensino nas escolas. Entendemos que um estudo com mais vozes, inclusive a dos estudantes da educação básica e dos docentes, possa mostrar uma amplitude ainda maior da realidade de ensino de inglês no Brasil. Entretanto, entendemos que nosso pequeno recorte, aqui apresentado, reflete aspectos que precisam ser apresentados e problematizados. Se, de fato, pretendemos otimizar a formação crítica dos estudantes em nossas escolas, devemos fornecer a eles meios para que desenvolvam sua criticidade; o acesso ao ensino de inglês de qualidade é um desses meios. Os dados aqui apresentados indicam que é necessário pensarmos sobre como ensinamos, quais experiências de ensino priorizamos, sobre nossos papéis enquanto docentes. A seguir, alguns apontamentos finais.

1949

CONCLUSÕES

Neste recorte de pesquisa, apresentamos e discutimos aspectos ligados ao ensino de inglês; em contraposição ao que propõe a BNCC (2017). Conforme mencionado, há muitos desafios a serem vencidos para que de fato possamos criar experiências de ensino de inglês mais significativas e humanas. Esperamos que este estudo abra portas para novos olhares e novas leituras da realidade de ensino de inglês no Brasil.

Realização:



Apoio:



XV COLÓQUIO NACIONAL e VIII INTERNACIONAL do Museu Pedagógico da UESB

À beira do abismo:
os caminhos da humanidade
diante das ameaças
de sua extinção

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC) Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

CONNELLY; CLANDININ. *Narrative Inquiry: Experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

LEFFA, Vilson J. O ensino de LE no contexto nacional. *Contexturas, APLIESP*, n. 4, p. 13-24, 1999.

PAIVA, V.L.M.O. *A LDB e a legislação vigente sobre o ensino e a formação de professor de língua inglesa*. In: STEVENS, C.M.T e CUNHA, M.J. *Caminhos e Colheitas: ensino e pesquisa na área de inglês no Brasil*. Brasília: UnB, 2003. p.53- 84.

PHILLIPSON. R. *Linguistic imperialism*. Hong Kong: Oxford University Press, 1992.

1950

Realização:



Apoio:

